

“Tá de brincadeira!”: análise de um padrão construcional idiomático do português brasileiro

“Tá de brincadeira!” analysis of an idiomatic constructional pattern
in Brazilian Portuguese

Nedja Lima de Lucena¹
Elias Vinicius de Sousa Mata²

Resumo: Neste artigo, investigamos um padrão construcional do Português Brasileiro, [tá [de X]], expresso por meio de construtos como *tá de brincadeira*, *tá de mimimi*, *tá de sacanagem*, dentre outros, os quais têm sido frequentes na rede social X. Nosso intuito é descrever a configuração formal e funcional desse padrão, analisando-o em termos das propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, e compreender os contextos de uso em que é instanciado. A fundamentação teórica repousa em dois pilares essenciais: a Linguística Funcional Centrada no Uso (Tomasello, 2005; Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Bybee, 2010) e a Gramática de Construções (Goldberg, 2006; Traugott, Trousdale, 2013). Em termos metodológicos, este estudo é de caráter descritivo-explicativo, com abordagem qualitativa e quantitativa. Com base nos achados empíricos, observamos que o padrão construcional examinado é parcialmente esquemático, com um *slot* semiaberto preenchido preferencialmente por elemento nominal. Esse idiomatismo pode licenciar sentidos relacionados a indignação, frustração, tranquilidade e outros.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções. Padrão construcional. Idiomatismo. [tá [de X]].

Abstract: In this paper, we investigate a constructional pattern of Brazilian Portuguese, [tá [de X]], this is expressed through constructs such as *tá de brincadeira*, *tá de mimimi*, *tá de sacanagem*, among others which have been frequent in the social network X. The aim is to describe the formal and functional configuration of this pattern, analyzing it in terms of the properties of schematicity, productivity and compositionality, and understanding the contexts of use in which it is instantiated. The theoretical foundation rests on two essential pillars: Usage Based Linguistics (Tomasello, 2005; Furtado da Cunha, Bispo, Silva, 2013; Bybee, 2010) and Construction Grammar (Goldberg, 2006; Traugott, Trousdale, 2013). In methodological terms, the study is descriptive-explanatory in nature, with a qualitative and quantitative approach. Based on empirical findings, it is observed that the constructional pattern examined is partially schematic, with a semi-open slot preferably filled by noun element. This idiomatism can license meanings related to indignation, frustration, tranquility and others.

Keywords: Usage Based Linguistics. Construction Grammar. Construction pattern. Idiomatism. [tá [de X]].

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, Brasil. Endereço eletrônico: nedja.lucena@ufrn.br.

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Natal, RN, Brasil. Endereço eletrônico: elias.mata.111@ufrn.edu.br.

Introdução

A inquietação a respeito das expressões idiomáticas de uma língua parece ser um fenômeno comum. No âmbito da ciência linguística, essas expressões são, muitas vezes, marginalizadas e entendidas como idiossincráticas e periféricas em relação a outros usos linguísticos. O fato é que as expressões idiomáticas permeiam o cotidiano das práticas de linguagem, sinalizando significações que não podem ser totalmente predizíveis de suas partes e, ao mesmo tempo, permitindo que novas expressões possam emergir a partir delas (Hilpert, 2014).

Na Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013), modelo teórico-metodológico que pode ser conjugado à Gramática de Construções (Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2021), é central o entendimento de que as línguas naturais são forjadas *na* e *pela* complexa interface de princípios comunicativos e cognitivos. Nessa linha, a língua é um inventário de construções, entendidas como pareamentos de *forma*, na qual repousam propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, e de *sentido* (função), no qual estão os atributos semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais (Croft, 2001). Nessa abordagem teórica, construções idiomáticas são consideradas pares de forma e de função³, fazendo parte do conhecimento linguístico dos falantes.

Na esteira dessa discussão, neste artigo, intentamos analisar um padrão idiomático que tem demonstrado ser frequente nas interações em português brasileiro. Vejamos os casos a seguir:

- (1) Credo todo mundo namorando ou *tá de rolo*⁴.
- (2) Todo mundo *tá de camisa*⁵.

Em (1), há uma declaração de certo modo indignada, evidenciada a partir do uso de *credo*, de que uma boa parcela da população está envolvida com compromisso total (*namorando*) ou parcial (*tá de rolo*). A ocorrência *tá de rolo* expressa a existência de algum envolvimento romântico informal entre indivíduos, isto é, denota um estado de relativo contato romântico, sem o compromisso de namoro, mas que perdura por algum tempo.

Observemos que o sentido de *tá de rolo* não pode ser tomado puramente pela soma das partes da expressão: verbo cópula em sua forma contraída (*tá* = *estar*), seguido da preposição *de* + substantivo *rolo*, cuja significação literal remete a um objeto cilíndrico. Situação contrária ocorre em *tá de camisa* (2), cujo sentido reside na ideia de que parcela de um grupo está vestindo uma peça de roupa (*camisa*), sendo possível alcançar a significação

³ Neste trabalho, preferimos o uso do termo *função*, que engloba aspectos semânticos, pragmáticos, textuais e discursivos, na linha de Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016).

⁴ Amostra da rede X, 2022. Detalhes sobre a coleta estão descritos na seção *Caminho metodológico*.

⁵ Exemplo artificial criado com o intuito de comparação.

observando apenas a soma das unidades componentes. Conforme esclarece Hilpert (2014), essa simples observação já nos dá pistas intuitivas de que estamos diante de uma construção idiomática.

É, portanto, nessa perspectiva que, neste trabalho, intentamos descrever um padrão construcional idiomático que optamos por representar a partir de [tá [de X]], o qual licencia usos como *tá de rolo*, *tá de sacanagem*, *tá de guerra* e outros. A questão que norteia a investigação é: quais as características morfo sintáticas e os valores semântico-pragmáticos veiculados por esse padrão construcional?

Para responder à questão proposta, o estudo ancora-se no arcabouço teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso e no modelo da Gramática de Construções de inspiração em Goldberg (1995) e Traugott e Trousdale (2013). Examinamos as propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade atrelada à perspectiva construcional, observamos aspectos discursivo-funcionais do padrão construcional em tela e a variabilidade de expedientes linguísticos recrutados em sua estruturação.

Em relação aos procedimentos metodológicos, escolhemos a rede social X, como banco de dados para a coleta das amostras empíricas. O conjunto de dados corresponde a 140 ocorrências dos anos 2021-2023. Explicitamos as razões para tal escolha adiante.

Quanto à organização, o presente artigo está desenvolvido a partir desta introdução do seguinte modo: apresentação do alicerce teórico que ilumina a investigação empreendida; na sequência, descrição da metodologia empregada para coleta e análise dos dados e as justificativas para o percurso metodológico; em continuidade, análise dos dados a partir dos pressupostos teóricos norteadores, a fim de responder a questão de pesquisa; para finalizar, sumarização das considerações finais e apresentação das referências.

Marco teórico: Linguística Funcional Centrada no Uso

Uma tendência contemporânea observada nos estudos funcionalistas realizados por pesquisadores brasileiros engloba princípios teóricos e metodológicos provenientes tanto da Linguística Funcional norte-americana/clássica quanto da Gramática de Construções. A abordagem denominada Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a partir de uma tradução e adaptação do termo *Usage-Based Linguistics* (Tomasello, 1998; Bybee, 2010), representa um empenho em aplicar uma lente analítica, e ao mesmo tempo inovadora, a qual busca capturar a intersecção entre as funcionalidades comunicativas e os processos cognitivos envolvidos na compreensão da linguagem (Furtado da Cunha; Bispo, 2023).

Nessa linha, a LFCU situa-se como um modelo teórico-metodológico cujos alicerces estão ancorados, de um lado, em expoentes do funcionalismo como Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Joan Bybee, no cenário internacional; e em autores do

funcionalismo brasileiro como Angélica Furtado da Cunha, Mário Martelotta, Mariangela Oliveira, Maura Cezário, Ivo Rosário, dentre outros vinculados ao grupo de estudos Discurso & Gramática. Por outro lado, o modelo dialoga, ainda, com a Gramática de Construções, cuja base pode ser representada por cognitivistas como George Lakoff, Ronald Langacker, Adele Goldberg, William Croft, Elizabeth Traugott, Graeme Trousdale e outros (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário, 2022; 2023).

Cabe evidenciar que a LFCU é o resultado de tradições desenvolvidas no cerne da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva, as quais se unem em torno de um princípio básico: considerar que a estrutura da língua emerge e se ritualiza à medida em que esta é usada nos contextos reais de comunicação. Conforme Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Tomasello (1998), essas perspectivas comungam de pressupostos teórico-metodológicos sumarizados a seguir: rejeitam a ideia de autonomia da sintaxe e englobam a semântica e a pragmática nas investigações; preveem um *continuum* entre léxico e gramática, de modo que não há distinção estrita entre estes; consideram que os dados de investigação linguística são enunciados que se dão no discurso natural.

Na esteira disso, o quadro teórico da LFCU busca descrever e explicar os fatos linguísticos manifestos em contextos diversos de uso da língua, alicerçando-se nas funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas desempenhadas nestes (Bybee, 2010). Esse quadro compreende a língua(gem), nos termos de Tomasello (1998), como uma reunião complexa de atividades comunicativas, sociais e cognitivas que se integram fortemente a outros aspectos da psicologia humana. Isso significa que o conhecimento linguístico, que envolve o conhecimento de forma e de função(ões), é concebido do mesmo modo que outros tipos de conhecimento (Furtado da Cunha; Bispo, 2023).

Dessa forma, é a língua entendida como um fenômeno dinâmico que exhibe uma estrutura aparente, juntamente com padrões regulares e uma variedade de manifestações em todos os níveis linguísticos. Uma consequência dessa visão é a noção de que a gramática de uma língua natural é tomada como a representação cognitiva da experiência dos indivíduos com essa língua; logo, o uso linguístico motiva sua estrutura, conforme nos esclarece Bybee (2010). Nesse viés teórico, entende-se que padrões gramaticais emergentes e padrões regulares e ritualizados pelo uso convivem harmoniosamente na gramática de uma língua.

Um aspecto forte na abordagem da LFCU é a incorporação de uma ótica construcional, com inspiração em Goldberg (1995), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013). Uma abordagem dita construcional assenta-se na ideia de que a gramática é um vasto arranjo de *construções* (pares de forma-função), que se interconectam em diferentes planos e são acionadas na organização e produção do discurso. O conjunto de construções (*constructicon*, na literatura especializada) é motivado por fatores cognitivos e sociocomunicativos (Hilpert, 2014; Furtado da Cunha; Silva; Bispo, 2016).

Seguindo essa ótica, podemos compreender que as construções designam pareamentos forma↔função, entendidos como unidades básicas da língua que possuem significado próprio, esquemático e parcialmente independente das palavras que os compõem; e são de natureza diversa, como um morfema (N-eiro, como em *jornaleiro*), uma palavra (*a*, *abacaxi*, *Zico*), um tipo oracional (construção bitransitiva SUJ V OD OI = *Francisco deu uma peteca para Fidel*) ou expressão idiomática (*chutar o balde*, *bater as botas*), conforme explicam Goldberg (1995), Pinheiro (2015), Traugott e Trousdale (2013), Furtado da Cunha e Cezario (2023), dentre outros. Vale salientar que a construção é uma entidade simbólica, abstrata, intrínseca à língua, a qual se estabelece por meio da relação entre forma e função.

A partir da ótica construcional nas análises, a LFCU desafia a ideia formalista, que foca apenas na estrutura das unidades linguísticas, e incorpora unidades maiores de análise, muitas vezes tratadas como periféricas nas abordagens mais formais. Assim, considera tanto a forma quanto o significado/função, assegurando que ambos contribuem de maneira integral e não redundante para o conhecimento linguístico. Essa perspectiva inovadora entende, como afirma Hilpert (2014), que o conhecimento de uma construção compreende todos os aspectos formais e funcionais a ela associados.

Quando os seres humanos apreendem uma construção, estão conjugando suas experiências com essa construção, o que engloba as variações, os contextos sociais, o significado e o contexto linguístico em que ela é usada. Explica Hoffmann (2019) que ainda que o *constructicon* de cada falante seja diferente, pois as experiências e processos da vida são únicos, pode-se dizer que há similaridades entre as construções apreendidas de uma dada língua, as quais nos permitem o efetivo entendimento mútuo.

Croft (2001) esclarece que o emparelhamento entre forma e função é indissociável. A primeira engloba as características relacionadas à sintaxe, à morfologia e à fonologia das construções, enquanto a segunda abarca as propriedades que dizem respeito à semântica e à pragmática, considerando sua funcionalidade discursiva. Mais especificamente, na função, concentram-se os aspectos convencionalizados que estão intrinsecamente associados ao uso de uma instanciação de uma construção. Isso inclui não somente as situações que são descritas pelo enunciado, mas também as características que moldam o contexto discursivo em que o enunciado se encontra, além da situação pragmática que envolve os interlocutores presentes na comunicação. Não obstante, a relação entre a forma e a função nas construções linguísticas é determinante para a expressão clara e efetiva da linguagem em suas variadas dimensões comunicativas.

A conexão entre forma e função numa dada construção pode ser examinada através de três propriedades distintas: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*, primeiramente elaboradas por Langacker (2008) e refinadas por Traugott e Trousdale (2013), as quais estão relacionadas entre si.

No âmbito da LFCU, a *esquematicidade* é assumida como uma propriedade intrínseca da categorização que envolve um nível de abstração a ser apreendido. É através dessa propriedade que os falantes formam diferentes expressões partindo do mesmo modelo abstrato/virtual, semanticamente geral, apreendido pelos padrões de uso e acionado no momento da interação. A esquematicidade pressupõe o preenchimento de *slots*, espaços designados para o emprego de elementos específicos (morfemas e lexemas) que atendam, sintática e semanticamente, aos requisitos do *slot* da construção. Um padrão construcional pode ser preenchido total ou parcialmente em termos dos *slots* que o constituem, compondo um conjunto variável na língua de construções: (i) abertas e não especificadas, como a construção transitiva SN₁ V SN₂ (*Maria partiu o pão*), (ii) parcialmente abertas e especificadas, como o padrão construcional predicativo *Ficar* SN (*fiquei doente*); e (iii) um padrão totalmente especificado (idiossincrático), como em *bater as botas* (Furtado da Cunha; Bispo, 2013; 2019).

Quanto à *produtividade*, a LFCU considera que esta pode ser averiguada a partir da frequência, na medida em que se avalia como uma construção licencia outras mais especificadas. Em outras palavras, como construções mais esquemáticas podem sancionar ou se estender para construções menos esquemáticas (extensibilidade). Para Furtado da Cunha e Bispo (2019, p. 107), “quanto mais esquemática for uma construção, mais produtiva ela será”, o que significa que ela permite um maior recrutamento de padrões construcionais que se conformem à construção⁶. Para aferir a produtividade, é necessário observar as frequências *type* e *token* de uma construção, sendo a primeira relacionada à frequência de cada tipo construcional, e a segunda atrelada à frequência de ocorrência. Desse modo, a frequência *type* representa o número de expressões diversas que se encaixam em um padrão específico, enquanto a frequência *token* (ou de construto) corresponde à ocorrência individual, ou seja, ao número de vezes que a mesma unidade é flagrada. Por exemplo, a construção transitiva, já mencionada, é altamente produtiva, na medida em que seu esquema SN₁ V SN₂ sanciona diferentes *types* menos esquemáticos (dentro subesquemas e microconstruções) ao ponto de se distanciarem fortemente da base prototípica⁷. Por outro lado, o artigo *o* possui alto nível de frequência *token* ou construto, mas baixa frequência *type* (Furtado da Cunha; Bispo, 2019).

Podemos observar, a partir da esquematicidade e produtividade, como as construções podem variar em termos de flexibilidade e especificidade. Construções mais abertas oferecem

⁶ Uma organização dos graus de esquematicidade de uma construção pode ser observada por meio de uma hierarquia, que contempla três níveis: esquema > subesquema > microconstrução. Os esquemas ocupam o lugar mais alto, o topo da pirâmide, em comparação com os subesquemas, que, por sua vez, estão posicionados em um nível hierárquico superior em relação às microconstruções. Os construtos (*tokens*) representam as realizações linguísticas concretas das construções e estão situados no nível mais baixo da hierarquia (Traugott; Trousdale, 2013).

⁷ Para essa discussão, observar Furtado da Cunha e Silva (2018) e Lucena (2016), que apresentam proposta de rede hierárquica da construção transitiva.

maior espaço para variação e adaptação, enquanto construções mais específicas estão mais restritas a padrões fixos e consistentes tanto na forma quanto na função (Traugott; Trousdale, 2021). Furtado da Cunha e Bispo (2019) elucidam que a relação entre produtividade e frequência ilustra como as construções linguísticas são moldadas por padrões de uso e como a frequência de expressões específicas contribui para a vitalidade e a dinâmica da língua em uso.

A propriedade de composicionalidade diz respeito ao quão transparente ou opaca situa-se a relação entre forma e função (Traugott; Trousdale, 2013). Do ponto de vista construcional, a composicionalidade é examinada através da avaliação de como os aspectos da forma se alinham com os aspectos da função. Nessa linha, “uma construção é composicional se o seu significado resulta da soma do significado dos itens que a compõem” (Furtado da Cunha; Bispo, 2023, p. 22). Na comparação de exemplos apresentados na introdução deste texto, observamos *tá de camisa* e *tá de rolo*. No primeiro caso, há confluência entre o sentido do todo (estar com uma vestimenta) e a conjugação do significado dos elementos que integram a oração. Entretanto, no segundo caso, observamos que não há confluência entre o sentido expresso (envolvimento romântico informal) e a soma do significado das partes que compõem a expressão.

As propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, por serem inter-relacionadas e apresentarem caráter gradiente, exigem uma análise rigorosa baseada em dados empíricos, os quais fornecem subsídios necessários para a compreensão de uma construção. Nesse sentido, Furtado da Cunha e Bispo (2019) esclarecem que as construções idiomáticas podem ser examinadas com base nessas propriedades. Os autores advogam que tais construções “variam de totalmente especificadas a parcialmente preenchidas; são, em geral, de baixa produtividade; e, prototipicamente, caracterizam-se como não composicionais, ou seja, são opacas” (Furtado da Cunha; Bispo, 2019, p. 114). Por conseguinte, essas propriedades foram selecionadas como categorias de análise do objeto de estudo desta pesquisa.

Caminho metodológico

Considerando que a ciência linguística abrange um “amplo espectro que envolve métodos diversificados”, conforme aponta Lopes (2022, p. 274), nesta subseção apresentamos o empreendimento metodológico para a coleta e a análise dos dados à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso.

Ao observarmos o contexto contemporâneo em que vivemos, compreendemos que as práticas discursivas digitais têm se tornado prevalentes na vivência humana, influenciando profundamente a maneira como nos comunicamos, nos informamos e também expressamos nossas opiniões. Com a proliferação das plataformas digitais, como as redes sociais e as

ferramentas de mensagens instantâneas, especialmente destacando-se o X, anteriormente conhecido como *Twitter*, presenciamos um novo panorama de comunicação, no qual ideias e informações são disseminadas em velocidades jamais vistas anteriormente. Diante dessa realidade, as práticas discursivas digitais emergem como um ponto central tanto na criação e perpetuação de padrões linguísticos quanto na análise e compreensão da própria língua.

A ascensão das redes sociais e das ferramentas de mensagens instantâneas criou um ambiente em que a interação ocorre em tempo real, permitindo que ideias sejam compartilhadas instantaneamente com um amplo público. Esse fluxo constante de informações tem implicações significativas na forma como construímos e transmitimos nossas mensagens, influenciando os padrões linguísticos adotados e até mesmo contribuindo para a emergência de novas formas de expressão, se revelando, assim, em uma rica fonte de análise linguística. A natureza pública e acessível das interações *online* proporciona aos pesquisadores um vasto banco de dados para examinar e compreender as nuances da língua(gem) na esfera digital. Desde a abreviação de palavras até o surgimento de novos termos e o uso de *emojis*, as práticas discursivas digitais oferecem um terreno fértil para investigar a dinâmica da língua(gem) em resposta aos avanços tecnológicos e às mudanças culturais.

A partir disso, escolhemos a rede social X como fonte de dados para a coleta das amostras do fenômeno aqui estudado, o padrão idiomático [tá [de X]], no português brasileiro. Essa escolha ocorre, para além das informações já justificadas, por acreditarmos que essa rede promove um contexto dialógico que se torna útil na interpretação de dados.

Nossa pesquisa é caracterizada como descritivo-explicativa e utiliza o método misto (ou qualiquantitativo), conforme nos esclarece Lacerda (2016). Esse método destaca a importância de equacionar métodos qualitativos e quantitativos em estudos relacionados à LFCU e à Gramática de Construções. Embora o foco principal de Lacerda seja na mudança construcional, os princípios mobilizados pela autora podem ser aplicados em nosso trabalho para realizar uma análise mista das características da construção que estamos investigando. Sob essa perspectiva, Lopes e Rosário (2023) explicam que o aspecto qualitativo

[...] se manifesta na análise interpretativa de cada ocorrência da construção em estudo, submetida a uma série de critérios previamente estabelecidos, que recobrem propriedades tanto formais (fonológicas e morfossintáticas) quanto funcionais (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) (Lopes; Rosário, 2023, p. 38).

Seguindo essa linha interpretativa, nossa pesquisa é, portanto, de caráter qualitativo. Todavia, conjugamos à interpretação as informações quantitativas que servem de suporte para a análise, sobretudo, quando observamos as frequências *type* e *token*.

Para este estudo, propomo-nos a coletar um conjunto de 150 ocorrências⁸ que se apresentassem como índice do padrão [tá [de X]], a fim de observar sua constituição formal e funcional. Para isso, buscamos compreender em quais contextos as ocorrências estavam instanciadas, alcançando, assim, a natureza qualitativa de nossa investigação.

O exame dos dados parte de uma perspectiva *bottom-up*, isto é, do construto para a construção, com base em Perek (2015), cuja defesa é a de que a análise de uso da construção pode ser eficiente se a começarmos pelos níveis mais baixos, o que justifica observar as ocorrências.

A coleta dos dados foi realizada em 17/10/2023, na rede social X, utilizando a ferramenta de busca avançada, cujos parâmetros consideram data, palavras, contas, engajamento e filtros. Como descritor, buscamos a expressão *tá de*, e ajustamos o filtro de busca para resultados recentes no ano de 2023. Coletamos, então, as 50 primeiras entradas disponíveis e repetimos a operação com ajuste temporal para 2022 e 2021. Um dos objetivos desse desenho de coleta foi rastrear os elementos que ocorrem após o descritor *tá de*, pois na etapa piloto⁹ do estudo, já prevíamos a possibilidade de o *slot* ser preenchido com elementos distintos.

Dentre os dados coletados, fizemos a exclusão de 10 ocorrências. Para isso, examinamos se a semântica veiculada era dedutível das partes que compunham a expressão como em: *tá de camisa* (2), discutido na introdução deste artigo, ou em “agora que eu vi que ele *tá de bigode*”, seguido de imagem de um homem com bigode. Essa observação levou em conta o que Hilpert (2014) considera: os falantes são capazes de reconhecer quais as unidades são compatíveis com os *slots* de uma expressão idiomática. Excluídas tais ocorrências, o conjunto de dados corresponde a 140 expressões coletadas.

Os dados foram organizados para análise à luz do referencial teórico norteador, a partir da observação de cada uma das categorias de análise. Sistematizamos e apresentamos os resultados na seção a seguir.

Resultados observados

Orientados pelo referencial teórico aqui assumido, resumizamos os achados e as consequentes reflexões a partir da pesquisa empreendida. Para organizar a discussão, tratamos de aspectos formais e, na sequência, de aspectos funcionais, com o intuito de estabelecer um quadro descritivo do padrão construcional [tá [de X]].

⁸ Todas as ocorrências apresentadas neste estudo são provenientes da rede X. Optamos por não disponibilizar os *links*, a fim preservar a identidade e a privacidade dos usuários, conforme previsto no Art. 5º da Constituição Federal de 1988, inciso X. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 20 maio 2024.

⁹ A etapa piloto é uma fase inicial que visa selecionar e interpretar uma pequena quantidade de dados para aventar hipóteses e estabelecer critérios de análise (Cf. Lopes; Rosário, 2023). Essa etapa foi realizada em setembro e outubro/2023 nas reuniões de discussão inicial sobre o estudo.

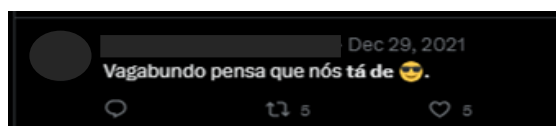
Considerações sobre o plano formal

A partir dos dados empíricos coletados para este estudo, em termos formais, [tá [de X]] é formado morfologicamente por uma sequência que envolve três *slots*: o *slot* preenchido pelo verbo *tá* (forma reduzida de *estar*), seguido da preposição *de* e um espaço (X) que pode ser preenchido por elemento de natureza variada, como um nome substantivo (*brincadeira*), um adjetivo (*boa*) um advérbio (*fora*), um idiomatismo (*lenga lenga*), um verbo (*fuder*) e uma oração (*uma cornisse que chega a ser perigosa*), conforme os exemplos (3-8) respectivamente. O enquadre observado nessas ocorrências assinala certa variação morfológica no *slot* X. Consideremos as ocorrências ilustrativas:

- (3) Shein com frete grátis acima de 150 reais **tá de brincadeira** comigo minha filha?????
- (4) Ansiedade é um inferno, véi. Cê **tá de boa**, mas do nada já começa uns pensamentos ruins, uns sentimentos esquisitos, um aperto no coração e tudo de ruim. Eu odeio isso, odeio muito.
- (5) Quem **tá de fora** nunca vai entender.
- (6) Menos quando **tá de lenga lenga** com a Rose.
- (7) kkkk **tá de fuder** pprrt¹⁰.
- (8) Meu spotify **tá de uma cornisse que chega a ser perigosa** bicho.

Além disso, um caso curioso foi o flagrante de ocorrência em que X foi preenchido por elemento semiótico, como um *emoji*¹¹, em (9), a seguir:

Figura 1 – Ocorrência (9): *slot* x preenchido com *emoji*



Fonte: capturada pelos autores.

Esse caso especificamente chama a atenção na medida em que se observa a possibilidade de preenchimento do *slot* X por um inesperado elemento, cuja interpretação é mais aberta. Tal abertura interpretativa ocorre porque nem sempre há consenso entre os usuários sobre a significação do símbolo, além de variação dependente da plataforma de rede social em que é usado. No caso da amostra observada, interpretamos como algo relacionado à noção de confiança, brincadeira e/ou tranquilidade (*Vagabundo pensa que nós tá de*

¹⁰ A gíria *pprrt* é utilizada na internet com o significado de *papo reto* e serve como indicativo de seriedade de um assunto ou direcionamento para uma pessoa.

¹¹ Os *emojis* são símbolos imagéticos utilizados nas redes sociais para transmitir uma ideia e são categorizados em expressões faciais, animais, comida, veículos, lugares, objetos e clima. Embora criados em 1999, sua popularização ocorreu a partir de 2011. Os *emojis* são amplamente usados para expressar emoções e estados diversos. Para mais informações, sugerimos: <https://pt.wikihow.com/Saber-o-Que-o-Emoji-de-%C3%93culos-Escuros-Significa>. Acesso em: 22 maio 2024.

confiança/brincadeira/tranquilidade). Essa ocorrência evidencia o *slot* X como mais aberto dentre os demais.

É possível notar, nas ocorrências, o fato de que o verbo *estar* se apresenta com perda de massa fônica, que se reflete na redução morfológica (*tá*). Esse verbo é classificado morfológicamente como do tipo *cópula* (Castilho, 2019), ou seja, verbos que tendem a relacionar um nome e uma predicação (como em *Pedro está doente*). Nesses casos, segundo Castilho, quando há uma predicação nominal, é esperado que, após o verbo, ocorra um elemento de natureza predicativa/modificadora, que tende a ser preferencialmente um adjetivo, como *doente*, no exemplo citado, embora outros elementos possam ocorrer.

Notamos que, em [tá [de X]], há uma sequência fonologicamente preenchida, com o verbo concebido junto com a preposição *de* formando um vocábulo fonológico. Esse aspecto é interessante, pois a preposição está atrelada ao sintagma preposicionado seguinte ao verbo, o *slot* X. Além disso, isso implica dizer que o padrão construcional idiomático é parcialmente preenchido: há dois elementos fixos *tá* e *de*, bem como um *slot* que pode ser ocupado por unidades variadas, conforme a tabela a seguir:

Tabela 1 - Configuração do *slot* X encontrada no *corpus* consultado

Configuração de X Types	Frequência absoluta de ocorrência (<i>tokens</i>)	Percentual %
[tá [de <i>substantivo</i>]]	113	80,7%
[tá [de <i>adjetivo</i>]]	11	7,9%
[tá [de <i>advérbio</i>]]	8	5,7%
[tá [de <i>idiomatismo</i>]]	5	3,6%
[tá [de <i>verbo</i>]]	1	0,7%
[tá [de <i>oração</i>]]	1	0,7%
[tá [de <i>símb</i>]] ¹²	1	0,7%
Total	140	100

Fonte: autoria própria.

O resultado sumarizado na Tabela 1 assinala uma tendência de o *slot* ser preenchido com expediente substantivo (80,7%), seguido de adjetivo (7,9%), advérbio (5,7%), idiomatismo (3,6%), verbo (0,7%) e oração (0,7%). Considerando o plano da forma, constatamos que o padrão construcional idiomático [tá [de X]] apresenta relativa versatilidade morfosintática, uma vez que um de seus *slots*, embora possa ser ocupado por elementos de natureza distinta, apresenta maior tendência de licenciar um nome. Essa tendência é esperada, uma vez que o sintagma preposicionado tende a ser constituído a partir de dois arranjos (*preposição + nome* ou *preposição + adjetivo*), tanto é que a frequência é maior para esses dois arranjos no padrão aqui estudado.

¹² Utilizamos *símb.* para registrar a única ocorrência com elemento imagético/símbolo.

É válido acrescentar que há, nos dados examinados, acentuado grau de fusão morfossintática, isto é, os elementos que ocupam os *slots* estão mais integrados. Furtado da Cunha e Bispo (2019) orientam para a pouca probabilidade de inserção de material linguístico entre os constituintes de um padrão idiomático. Ainda assim, entendemos, como falantes de português, que pode haver ocorrência de material linguístico, como em *tá de muita brincadeira* ou *tá muito de boa*, ainda que não tão frequente. Por essa razão, compreendemos que os autores sinalizam a pouca possibilidade de ocorrência, não o descarte de que isso pode acontecer.

Pode ocorrer um padrão idiomático inserido dentro de outro, como efeito do processo de *chunking*. Bybee (2010) esclarece que a formação de *chunk*¹³ é gradual, ocorrendo desde *chunks* mais fracos cujos elementos internos são mais fortes do que o todo, até *chunks* mais entrincheirados em que o todo se sobrepõe aos expedientes que o compõe.

(10) Não indo pro mesmo lugar para onde vão Malafaia e cia, **tá de bom tamanho** pra mim.

No exemplo (10), vemos o uso do adjetivo *bom* antes do substantivo *tamanho*, formação que parece ser recorrente em português e, por isso, consideramos um caso de *chunk*. Este, por sua vez, ocorre dentro do padrão construcional aqui analisado.

Com esse resultado, atentamos para o fato de que o padrão construcional idiomático [tá [de X]] sanciona instâncias-*type*, na medida em que o *slot* X pode ser codificado por diferentes recursos, o que pode ser representado por [tá [de N]], [tá [de Adj]], [tá [de Adv]], [tá [de V]], [tá [de O]], [tá [de Idiom]]¹⁴.

Traugott e Trousdale (2013) explicam que a esquematicidade está ligada à inter-relação de herança e de hierarquia entre as construções. Sob essa perspectiva, construções mais esquemáticas podem licenciar estrutura simbólica para construções menos esquemáticas (subesquemas e microconstruções). A partir dos achados, nossa hipótese, embora não seja o objetivo precípuo aqui aferir, é a de que [tá [de X]] pode pertencer à rede de relações que envolvem a construção predicativa, na medida em que compartilha aspectos de sua forma (como o verbo cópula) e também da função (tende a expressar em alguma medida estado), assim como a construção predicativa (Cf. Ferreira, 2015). O fato de ser um padrão parcialmente esquemático permite-nos pressupor essa relação. Se assim o for, [tá [de X]] pode ser o resultado de expansão da classe hospedeira (Himmelmann, 2004) a partir de uma construção mais esquemática (como a construção predicativa).

¹³ Elementos que tomados juntas podem ser entendidos como uma unidade semântica. A formação de *chunks* é uma consequência do processo cognitivo geral de *chunking* (Cf. Bybee, 2010).

¹⁴ Optamos por não representar esquematicamente o padrão com símbolo por entender que seu uso pode ser representado, via interpretação, em um dos *types* mais frequentes, como [tá [de N]], [tá [de Adj]].

Furtado da Cunha e Bispo (2023) esclarecem que a esquematicidade está relacionada à produtividade, isto é, à extensibilidade de um padrão construcional em termos do que pode sancionar ou restringir. O fato de [tá [de X]] licenciar instâncias-*type* coloca esse padrão no rol daqueles com produtividade média¹⁵. Ademais, dentre os *types* sancionados, a frequência *token* sinaliza um *type* mais produtivo em relação aos demais, [tá [de N]], o qual pode servir como modelo para licenciar outros recursos.

Aliado a isso, também é necessário considerar que a possibilidade de instanciar *types* é um indício de que estamos diante de um padrão idiomático, conforme explica Hilpert (2014). Isso porque uma construção idiomática pode ser produtiva, na medida em que o falante é capaz de produzir uma variedade de expressões a partir do esquema previamente apreendido.

As considerações aqui feitas sumarizam a análise empreendida quanto às características morfossintáticas do padrão construcional idiomático [tá [de X]] e respondem parte do objetivo deste artigo. Para atender completamente ao objetivo proposto, vamos observar alguns aspectos relacionados à função desse padrão.

Considerações sobre o plano funcional

Na abordagem construcional, o plano da função engloba os aspectos semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais. Intentamos, a partir deste ponto, descrever o padrão construcional idiomático [tá [de X]] quanto a esses aspectos. Para isso, observemos os seguintes construtos:

- (11) Hoje tive que mostrar minha identidade pela primeira vez pq a moça do camião disse que eu não era maior, vtnc tia **tá de sacanagem**.
- (12) Amiga não sei dizer se você está fazendo o papel da gostosa burra na vida mas se estiver **tá de parabéns** nunca vi alguém mais imbecil.
- (13) Meu cabelo **tá de guerra** comigo ultimamente.

Examinando as ocorrências (11-13), notamos que as expressões *tá de sacanagem* e *tá de parabéns* envolvem, nos contextos em que ocorrem, um direcionamento do dizer em relação à atitude de um outro (*tia* e *amiga*), demonstrando um tom de avaliação a respeito da necessidade de mostrar o documento de maioridade, no primeiro caso, e o comportamento de sensualidade e possível ignorância, no segundo.

Ao mesmo tempo, podemos perceber que os enunciadores expressam, quanto às atitudes demonstradas, o tom avaliativo que culmina na expressão de indignação (11) e de insatisfação (12). Atestamos que *tá de sacanagem* funciona como unidade que sumariza o estado de irritação/indignação de quem o diz sobre a atitude de a entidade (*tia*) solicitar

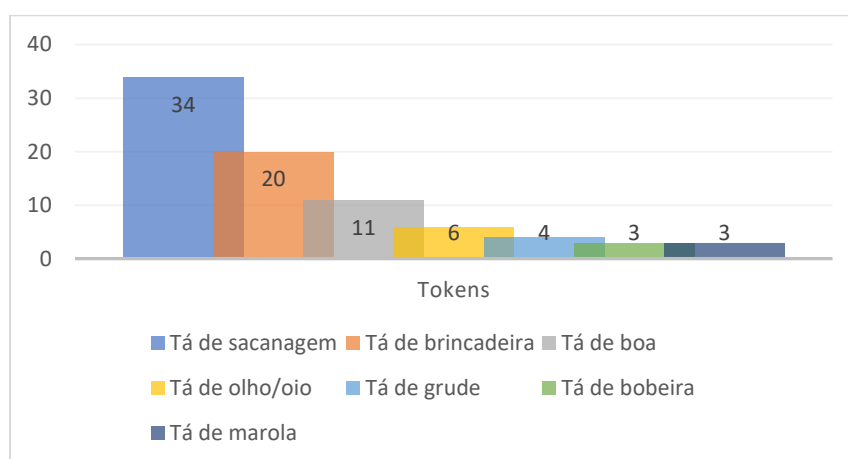
¹⁵ Nem possui *type* único (grau zero de produtividade), nem é totalmente esquemática (aberta) que permite altíssima produtividade (Furtado da Cunha; Bispo, 2023).

comprovação de maioridade, o que é corroborado pelo contexto imediato, uma vez que o enunciador refere *vtnc*¹⁶ antes da expressão. Já *tá de parabéns* funciona de modo a contrariar a expectativa de uma parabenização/congratulação e se dirige a qualquer pessoa que esteja, sob julgamento do locutor, fazendo o papel mencionado (*gostosa e burra*, consequentemente, *imbecil*), assim o enunciador, por meio da ironia, demonstra insatisfação/antipatia/hostilidade.

Em (13), num caminho um pouco distinto das amostras do conjunto, observamos que o locutor, com o uso de *tá de guerra*, aponta um desabafo sobre o lidar com o próprio cabelo, aludindo à ideia de confronto com este e, por consequência, sinaliza a frustração que, porventura, sente em relação aos cuidados capilares.

Quanto à frequência dos padrões idiomáticos no *corpus*, vejamos o gráfico a seguir.

Figura 2 – Idiomatismos mais frequentes



Fonte: autoria própria.

No gráfico da Figura 2, listamos os padrões idiomáticos mais frequentes, incluindo os casos em que a frequência foi igual ou maior a três ocorrências. Considerando os 140 construtos examinados, o resultado mostra que *tá de sacanagem* (na cor azul) e *tá de brincadeira* (na cor laranja) ocupam, respectivamente, os topos da lista. Esses dois types juntos correspondem a 54 (38,6%) das ocorrências. Na sequência, observamos a expressão *tá de boa*, na cor cinza, e *tá de olho/oio*, na cor amarela, as quais correspondem, respectivamente a 11 (7,9%) e 6 (4,2%) ocorrências. Os construtos *tá de grude* (4 = 2,8%), *tá de bobeira* (3 = 2,1%) e *tá de marola* (3 = 2,1%) aparecem em menor número nos dados examinados. As expressões *tá de sacanagem* e *tá de brincadeira* tendem a expressar emoções mais negativas que envolvem, de modo geral, indignação e descontentamento.

A funcionalidade dessas expressões nos contextos mencionados refere a um valor semântico-pragmático que veicula uma noção de estado ou qualificação, seja em relação a

¹⁶ Forma reduzida de *vai tomar no cu*, expressão considerada pejorativa e grosseira.

um outro, definido ou não (*tia/amiga*), a alguma coisa (*cabelo*) ou mesmo a uma situação, como em:

- (14) Rio de Janeiro, vc **tá de palhaçada**? Cadê o sol? Cadê os 40 graus?
Olha, q vergonha.
(15) Que é isso 2 bolas de sorvete por 12 reais **tá de brincadeira**.

Na ocorrência (14), o locutor remete à ideia de que a cidade do Rio de Janeiro, conhecida pela tropicalidade que envolve o sol, a praia e o calor de 40 graus, está na direção oposta disso, com clima não correspondente à fama. Com as perguntas realizadas e a expressão *tá de palhaçada*, o enunciador se direciona à cidade, como se esta debochasse dele, e enuncia decepção/desgosto com o clima. No caso em (15), o locutor demonstra seu estado de indignação e descrença com o preço de duas bolas de sorvete, tal estado é refletido a partir de *tá de brincadeira*.

Em linhas gerais, compreendemos que os sentidos veiculados pelas instâncias de [tá [de X]] não podem ser interpretados pela simples soma de suas partes, ou seja, esse padrão construcional é mais opaco (menos composicional), pois a soma do significado das partes não corresponde exatamente aos sentidos expressos (Traugott; Trousdale, 2013). A interpretação de uma dada ocorrência é fator que depende do conhecimento prévio do falante e da situação comunicativa. Recordemos o caso de *tá de parabéns*, cujo sentido está na contramão de felicitar ou elogiar (sentido referencial), mas, sim, atrelado a censurar e/ou criticar. Para além disso, há indício de que se comunica mais do que é expresso, ou um adicional de significado (Tantucci, 2021), na medida em que é possível inferir o estado de quem enuncia/profere, como indignação, descrença, insatisfação, desejo, frustração, antipatia e outros. Os estados evocados podem referir aspectos mais emotivos/psicológicos (como em 11-15) ou físicos, como em:

- (16) Fico tão carente doente véi, queria **tá de conchinha** com ele hoje à noite.

Nesse exemplo (16), verificamos o desejo do enunciador de ficar em contato físico, abraçado, com outra pessoa (*ele*). Esse estado remete mais a uma noção física (ficar abraçado) do que necessariamente psicológica.

Destacamos, ainda, que opera no uso do padrão idiomático [tá [de X]] a (inter)subjetividade (Traugott, 2010; Oliveira, 2022), aspecto sociointeracional que diz respeito à atitude do locutor frente ao que enuncia, isto é, com assunção de postura mais neutra (menos subjetivo), mais explícita quanto ao que é enunciado (subjetivo) ou mesmo mais interessada em fazer o interlocutor aderir ou convergir para o que é dito (intersubjetivo). No conjunto de amostras analisadas, averiguamos uma tendência à manifestação de forte

(inter)subjetividade por duas razões: (i) é recorrente a exposição e o envolvimento do próprio enunciador no dito, os quais são indiciados, em muitos casos, pela expressão da primeira pessoa do discurso, codificada pelo pronome de primeira pessoa (*eu*) ou pela forma verbal, como em *fico/queria* (16), sinalizando subjetividade; (ii) são frequentes também enunciados que convidam o co-enunciador a compartilhar da mesma ideia, como um preço alto de sorvete (15), ou mesmo o chamamento direto de um co-enunciador específico, como *amiga*, em (12), conferindo intersubjetividade.

Um aspecto discursivo-funcional para esse resultado pode estar atrelado ao uso do padrão [tá [de X]] em uma plataforma (Rede X) reconhecida por ser um espaço em que o usuário da conta tende a expressar, por meio de *posts*, informações sobre si, como uma espécie de *miniblog*. Isso permite a livre expressão de fatos, opiniões e estados emotivos dos usuários da conta. Na esteira disso, frisamos que a interação em plataformas digitais já pressupõe uma certa adesão de um outro (co-enunciador/interlocutor), que segue, lê, curte, compartilha ou comenta alguma publicação.

Ainda averiguamos que subjazem às instâncias do padrão [tá [de X]] processos cognitivos de domínio geral, como projeções metafóricas e metonímicas¹⁷ e *chunking* (Bybee, 2010; Furtado da Cunha; Bispo, 2019), comuns na formação de idiomatismos. De forma breve, vejamos as seguintes ocorrências, algumas já examinadas de outro ângulo:

- (17) Shein com frete grátis acima de 150 reais **tá de brincadeira** comigo minha filha?????
- (18) Fico tão carente doente véi, queria **tá de conchinha** com ele hoje à noite.
- (19) Amo ter o comportamento de uma aposentada. **Tá de boa** em casa, jogar água nas minhas plantas, assistir um filme ou série em paz, dormir cedo, comprar pão quentinho de manhã e amo o silêncio da minha companhia.

As projeções metafórica e metonímica são recursos fundantes do pensamento. É possível observar esses tipos de projeção a partir da interpretação daquilo que é mais abstrato a partir de algo mais concreto. Consideremos a instância *tá de brincadeira* em (17) e recorramos ao nosso conhecimento linguístico: *brincar* pode se referir ao entretenimento com algum artefato ou atividade qualquer, significação mais concreta (domínio-fonte); também pode se referir ao ato de brincar por meio de jogos linguísticos (advinhas e anedotas, por exemplo). Essa noção mais concreta serve de base para o estabelecimento de uma ideia de *brincar* mais abstrata (domínio-alvo), como gracejar ou mesmo escarnecer de algo ou alguém. Desse modo, *tá de brincadeira* recruta essa ideia mais abstrata e, por sua vez, amplia a significação, já não referindo ao ato de brincar com um artefato ou gracejo, mas expressando noção ainda mais abstrata. A projeção metonímica diz respeito às relações por contiguidade,

¹⁷ Projeções metafóricas e metonímias envolvem relações entre domínios distintos (metáfora) e relações de contiguidade num mesmo domínio (metonímia).

isto é, associações de correspondências que ocorrem em um mesmo domínio. Para ilustrar esse processo, consideremos a amostra *tá de conchinha* (18). A expressão remete à forma de uma concha, a qual também pode ser vista na silhueta de dois indivíduos deitados e aninhados para o mesmo lado. Nesse caso, *tá de conchinha* remete metonimicamente ao aconchego e abrigo da concha.

Quanto ao processo de *chunking*, este é tomado, nos termos de Bybee (2010), como o processo pelo qual sequências de unidades se juntam para formar unidades mais complexas. Essa formação se dá via repetição e *chunks* menores podem ser formados e agrupados em *chunks* maiores. Entendemos, com base na autora, que o padrão [tá [de X]] compreende o processo de *chunking*, uma vez que engloba unidades usadas convencionalmente com sentidos específicos, sendo, portanto, um *chunk*. Além do mais, o fato de ser um padrão semiaberto permite que outros *chunks* ocupem o *slot* X, como acontece com *tá de lenga lenga* e *tá de saco cheio*, idiomatismos já bem rotinizados, assim como possivelmente em *tá de boa* (19).

Para finalizar, sumarizamos nossa defesa de que [tá [de X]] é um padrão construcional idiomático do português, a partir das seguintes considerações:

- (i) em termos de *esquematicidade*, é parcialmente preenchido ou especificado, pois engloba dois elementos fixos e um *slot* semiaberto que sanciona recursos diversificados;
- (ii) quanto à *produtividade*, o padrão analisado não é marginal ou periférico, sanciona *types* distintos, indicando relativa produtividade;
- (iii) quanto à *composicionalidade*, seu significado não pode ser dedutível por meio da soma sequencial de suas partes, isto é, a relação entre o significado desse padrão e o significado das unidades que o compõem é opaca, o que sinaliza estarmos diante de um idiomatismo (Furtado da Cunha; Bispo, 2019);
- (iv) a estrutura é convencionalizada, na medida em que forma uma sequência gramatical que vai além do que é previsto na semântica veiculada e é compartilhada por um grupo de falantes (Fillmore, Kay e O'Connor, 1988).

No que se refere à questão norteadora deste artigo, acreditamos tê-la contemplado ao longo desta discussão, não de forma exaustiva, mas de modo a suscitar novas perguntas e empreender novas investigações.

Considerações finais

No presente artigo, propomo-nos a discutir o padrão construcional idiomático [tá [de X]], que pode ser instanciado por *tá de brincadeira*, *tá de sacanagem*, *tá de boa*. Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso, advogamos que esse padrão se configura como um idiomatismo do português e apresenta características formais e funcionais específicas, daí ser compreendido como uma construção.

No plano da forma, [tá [de X]] é formado por três *slots*, sendo um aberto (X), com relativa versatilidade morfossintática, podendo ser preenchido a partir de diversos expedientes, como substantivo, adjetivo, advérbio, verbo, oração ou mesmo um outro idiomatismo. No plano da função, tende a veicular sentidos relacionados a estado ou qualificação, com tendência à (inter)subjetividade. Além disso, os sentidos veiculados não são transparentes, de modo que não podem ser apreendidos pela simples soma dos expedientes internos ao padrão.

Quanto às propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, os achados apontam para uma construção parcialmente especificada, com produtividade média e menos composicional. Quanto aos aspectos cognitivos, na manifestação de [tá [de X]], observamos os processos cognitivos de *chunking*, bem como projeções metafóricas e metonímicas.

A investigação aqui empreendida, embora não exaustiva, fornece pistas para que esse padrão construcional idiomático seja escrutinado a partir de outros caminhos analíticos, como: ampliação dos dados, a fim de flagrar outros contextos semântico-pragmáticos; exame de relações de herança e hierarquia entre esse padrão e a construção predicativa, com o intuito de mostrar sua representação em termos de rede; e até mesmo uma investigação diacrônica em busca de observar como esse padrão foi forjado no português.

A análise de construções idiomáticas é versátil e busca sanar uma lacuna há tempos existente na descrição linguística. A versatilidade desse tipo de construção demonstra não apenas a flexibilidade da língua em recrutar padrões, mas também a capacidade dos falantes em utilizar essas construções de maneira criativa e significativa a partir de suas necessidades comunicativas.

Referências

- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge University Press, 2010.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective**. Oxford University Press, USA, 2001.
- FERREIRA, B. G. P. **Construção relacional: estado, mudança e resultado**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Linguistic Society of America. **Language**, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-40.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. **Revista Linguística**, n. esp., p. 55-67, 2016.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R. Transitividade: do verbo à construção. **Revista Linguística**, v. 14, n. 1, p. 48-64, 2018.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. **Soletras**, n. 37, p. 103-116, 2019.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Linguística Funcional Centrada no Uso: caracterização teórico-metodológica e aplicação prática. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho: EDUFRO, 2023. p. 15-36.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; CEZARIO, M. M. Conhecimento, criatividade e produtividade sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Alfa: Revista de Linguística**, São José do Rio Preto, v. 67, p. e15041, 2023.

GOLDBERG, A. **Constructions**: A construction grammar approach to argument structure. University of Chicago Press, 1995.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh University Press, 2014.

HILMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: oppositive or orthogonal? In: BISANG, W. *et al.* (eds.). **What makes grammaticalization?** Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

HOFFMANN, T. Language and creativity: a Construction Grammar approach to linguistic creativity. **Linguistics Vanguard**, Berlin, v. 5, n. 1, p. 1-10, 2019.

LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, v. 12, p. 83-101, 2016.

LOPES, M. G. Procedimentos metodológicos na análise de dados sincrônicos. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso**: teoria, método e aplicação. Rio de Janeiro: EDUFF, 2022. p. 266-308.

LOPES, M. G. ROSÁRIO, Ivo da Costa. Metodologia da pesquisa sincrônica. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho: EDUFRO, 2023. p. 37-56.

LUCENA, N. L. **A construção transitiva no PB**: uma abordagem funcional centrada no uso. 2016. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

OLIVEIRA, M. R. Arbitrariedade e iconicidade: (inter)subjetividade, metáfora e metonímia. In: **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso**: teoria, método e aplicação. Rio de Janeiro: EDUFF, 2022. p. 92-127.

PEREK, F. Argument structure in usage-based construction grammar. **Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar**, p. 1-256, 2015.

PINHEIRO, D. Sintaxe construcionista. In: OTHERO, G. Á.; KENEDY, E. (org.). **Sintaxe, sintaxes: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015. p.163-184.

ROSÁRIO, I. C. **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso**: teoria, método e aplicação. Rio de Janeiro: EDUFF, 2022.

ROSÁRIO, I. C. (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho: EDUFRO, 2023.

TANTUCCI, V. **Language and social minds**: The semantics and pragmatics of intersubjectivity. Cambridge University, 2021.

TOMASELLO, M. (ed.). **The new psychology of language**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (Inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (org.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010, p. 29-71.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. New York: Oxford University Press, 2013.

Sobre os autores

Nedja Lima de Lucena

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9412-8771>

Professora Adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde atua na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL). Doutora e Mestra em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN). Graduada em Letras –Língua Portuguesa (UFRN).

Elías Vinicius de Sousa Mata

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6640-7063>

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na área de Linguística Teórica e Descritiva (LTD). É graduado em Letras - Língua Espanhola e Literaturas também pela UFRN (2017-2021).

Recebido em jun. 2024

Aprovado em nov. 2024.